



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Desafios institucionais envolvidos no processo de inclusão de bebês com deficiência na creche
Autor	RAFAELA FABRICIO KLEIN
Orientador	RITA DE CASSIA SOBREIRA LOPES

Desafios institucionais envolvidos no processo de inclusão de bebês com deficiência na creche

Autora: Rafaela Fabricio Klein

Orientadora: Rita de Cássia Sobreira Lopes

Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A procura por espaços de cuidado coletivo como as escolas de Educação Infantil tem sido cada vez maior nos últimos anos. Além disso, mais recentemente as políticas de inclusão também têm garantido o acesso e a permanência de bebês com deficiência na Educação Infantil, o que gera demandas de trabalho específicas para os profissionais das creches. Considerando este cenário, o objetivo do presente estudo foi investigar os desafios institucionais encontrados pelos educadores no processo de inclusão de bebês com deficiência. Participaram do estudo 23 educadoras de turmas de berçário e maternal da rede municipal de Porto Alegre, que atendiam sete bebês de inclusão, na faixa etária de 0 a 3 anos, com as seguintes deficiências: Síndrome de Down, Nanismo, Deficiência auditiva e Hipotonia. As educadoras, com idades entre 18 e 59 anos, foram entrevistadas sobre sua experiência e formação. As entrevistas foram posteriormente transcritas e analisadas por meio de análise temática. Os resultados revelaram uma gama de desafios institucionais, relacionados às condições nas quais se dá o trabalho das educadoras. Há uma desvalorização da profissão de modo geral, sendo que os salários foram considerados insatisfatórios frente à responsabilidade que carregam, gerando sentimentos de desmotivação, pois mesmo se dedicando à profissão não sentem que o trabalho é reconhecido pela instituição empregadora e, em certa medida, pela sociedade civil. As educadoras também relataram que a instituição empregadora não oferece formação continuada em Educação Inclusiva, ficando ao encargo delas próprias a busca por formação especializada, algo que constitui uma limitação, uma vez que os salários não são suficientes para tais formações. O fato de não terem formação em educação inclusiva de bebês as deixa inseguras no seu trabalho, gerando até sentimentos de medo no caso de bebês que tenham alguma questão orgânica que represente um risco à saúde. O número excessivo de bebês em sala de aula e de bebês por educadora também foi apontado como uma limitação importante para cuidar devidamente de cada bebê, gerando sentimentos de frustração e impotência por não poderem executar o que consideram um bom trabalho, além de desgaste físico e emocional. Outro desafio mencionado foi em relação à necessidade de comunicação com a família do bebê e também com os outros profissionais que o atendem, que fica sob responsabilidade da educadora, não da instituição. Salientam que tal cooperação facilitaria o trabalho, ao passo que a falta de cooperação faz com que as educadoras se sintam solitárias. Apesar dos desafios destacados, as educadoras relataram o retorno em relação ao seu trabalho que recebem dos próprios bebês, por meio de seus progressos que se tornam visíveis em função do vínculo que estabelecem com os mesmos. Em conjunto, os dados apontam para os desafios institucionais da Educação Inclusiva de bebês no cotidiano do trabalho, que podem reverberar negativamente na saúde psíquica do educador e, conseqüentemente, do bebê com deficiência. Sendo assim, fica evidente a necessidade de atentar às condições de trabalho da Educação Infantil e Inclusiva, bem como a necessidade de haver dispositivos de cuidado voltados para as educadoras que trabalham nessa área.